



todos os lugares  
em Gaza –  
incluindo escolas  
– são alvos

**É** quase como se o exército israelita estivesse a tentar reunir o máximo possível de palestinianos num só lugar para os matar a todos. Ahmed Abed e a sua família fugiram da escola Dalal al-Maghribi no início de Agosto, depois de um ataque aéreo israelita os ter desalojado. Esse ataque aéreo matou 15 palestinianos que se tinham refugiado na escola depois de Israel ter bombardeado as suas casas no bairro de Ash Shujaiyeh, na cidade de Gaza.

A família chegou à escola al-Taba'een, uma escola privada com uma mesquita anexa, que abrigava 2500 pessoas. Desde que os israelitas iniciaram o mais recente bombardeamento de Gaza, em Outubro de 2023, os palestinianos refugiaram-se em escolas particulares e em escolas geridas pela Organização das Nações Unidas (ONU). A ONU informa que, na Faixa de Gaza, os ataques israelitas danificaram 190 das suas instalações, na sua maioria escolas. Restam poucos santuários em Gaza. Essas escolas — sejam particulares ou da ONU — são os únicos sítios considerados como relativamente seguros.

Às 4h30 da manhã do dia 10 de Agosto caças israelitas sobrevoaram a cidade de Gaza e lançaram bombas GBU-39 de 250 libras, de fabrico americano, na escola e mesquita de al-Taba'een. Durante esse tempo, um grande número de habitantes alinhou-se na mesquita para ir ao Fajr ou oração da madrugada. As bombas atingiram as pessoas perto da mesquita, matando pelo menos 100 palestinianos. É um massacre grotesco que ocorreu precisamente quando os Estados Unidos decidiram rearmar Israel com este tipo de armas. Sarah Leah Whitson, ex-directora da divisão do Médio Oriente e Norte de África da Human Rights Watch, escreveu que a venda de armas a Israel pelos Estados Unidos no dia do bombardeamento demonstraram um «condicionamento pavloviano para um exército selvagem».

Os Estados Unidos, apesar de declarações ocasionais sobre a retenção de armas, armaram Israel de forma consistente durante esta guerra genocida. Desde 1948, os Estados Unidos forneceram 130 mil milhões de dólares americanos em armas para Israel. Entre 2018 e 2022, 79% de todas as armas vendidas a Israel vieram dos Estados Unidos (a seguir foi a Alemanha, que forneceu 20% das importações de armas de Israel). As vendas de armas dos EUA foram efectuadas em lotes deliberadamente pequenos, inferiores a 25 milhões de dólares por venda, de modo a não exigirem o controlo do Congresso dos EUA e, por conseguinte, o debate público.

De Outubro de 2023 a Março [deste ano], os EUA aprovaram 100 dessas pequenas vendas, que somam mais de mil milhões de dólares americanos em vendas de armas, incluindo a GBU-39. É importante saber que a bomba, criada nos Estados Unidos, provavelmente foi carregada num caça israelita por um técnico norte-americano destacado para as bases israelitas.

**UM PADRÃO DE ORIENTAÇÃO PARA AS ESCOLAS**

Mahmoud Basal, o porta-voz da unidade de defesa civil de Gaza, disse que os médicos que chegaram ao local na escola al-Taba'een, muitos deles já veteranos desse tipo de violência, ficaram confusos com o que encontraram. «A área da escola está coberta de cadáveres e partes de corpos», disse. «É muito difícil para os paramédicos identificarem um cadáver inteiro. Há um braço aqui, uma perna ali. Os corpos estão despedaçados. As equipas médicas estão impotentes diante dessa cena horrível.» Pelo menos 40 000 palestinianos foram mortos pelos bombardeamentos israelitas desde Outubro passado, e dois milhões de palestinianos foram deslocados das suas casas.

Na preparação para o ataque à escola al-Taba'een, as forças israelitas têm vindo a intensificar os bombardeamentos contra escolas em Gaza que servem de abrigo. Em Julho, o exército israelita atacou 17 escolas em Gaza, matando pelo menos 163 palestinianos. Na semana anterior a 10 de Agosto, Israel atingiu as escolas Khadija e Ahmad al-Kurd em Deir al-Balah, matando 30 palestinianos (27 de Julho), a escola Dalal Moghrabi em Ash Shujaiyeh matando 15 palestinianos (1 de Agosto), as escolas Hamama e Huda em Sheikh Radwan matando dezesseis palestinianos (3 de Agosto), as escolas Hassan Salame e Nasser em al-Nassr, matando 25 palestinianos (4 de Agosto), e as escolas al-Zahraa e Abdul Fattah Hamouda, matando 17 palestinianos (8 de Agosto).

Esta sequência de ataques a escolas ocorreu antes do atentado de 10 de Agosto, o que demonstra a existência de um padrão de ataque a civis que procuram abrigo em escolas. O massacre em al-Taba'een é o 21.º ataque de Israel contra uma escola que tem estado a servir de abrigo desde 4 de Julho. Ahmed Abed perdeu o seu cunhado Abdullah al-Arair no massacre em al-Taba'een. «Não há mais nenhum sítio para onde ir», disse. «Todo os sítios em Gaza são um alvo.»

## **NEGAÇÕES ISRAELITAS**

Israel aceitou que tinha bombardeado estas escolas, mas negou que tivesse morto civis. De facto, Israel já não designa estes locais, como al-Taba'een e Dalal Moghrabi, como escolas; chama-lhes «instalações militares». Os militares israelitas afirmaram ter morto pelo menos 20 «operacionais terroristas», uma vez que alegaram ter atingido uma «sala de comando "activa" do Hamas e da Jihad Islâmica Palestiniana, instalada numa mesquita». As autoridades israelitas divulgaram os nomes de, pelo menos, 19 pessoas que afirmaram ser operacionais de topo do Hamas e da Jihad Islâmica.

O EuroMed Human Rights Monitor, uma organização independente sediada na Suíça, estudou as alegações feitas pelos militares israelitas e concluiu que elas eram factualmente insuficientes. A equipa do The Monitor foi à escola, fez um inquérito aos sobreviventes e analisou o registo civil controlado por Israel para saber os nomes. A «investigação preliminar da equipa descobriu

que o exército israelita usou nomes de palestinianos mortos em ataques israelitas — alguns dos quais foram mortos em ataques anteriores — na sua lista». As três pessoas mortas anteriormente, mas cujos nomes apareceram nas listas israelitas, incluem Ahmed Ihab al-Jaabari (morto em 5 de Dezembro de 2023), Youssef al-Wadiyya (morto em 8 de Agosto de 2024) e Montaser Daher (morto em 9 de Agosto de 2024).

**«Esta sequência de ataques a escolas ocorreu antes do atentado de 10 de Agosto, o que demonstra a existência de um padrão de ataque a civis que procuram abrigo em escolas.»**

A lista israelita também continha três civis idosos que não tinham nenhuma conexão com nenhum grupo militante, incluindo Abdul Aziz Misbah al-Kafarna (director de escola) e Yousef Kahlout (professor de árabe e vice-presidente de Beit Hanoun). A lista inclui ainda seis civis, «alguns dos quais eram até opositores do Hamas».

É notável que, mesmo nas suas declarações, as autoridades israelitas pareçam inseguras quanto às suas informações. O contra-almirante Daniel Hagari, do exército israelita, disse que «várias indicações dos serviços de informação» mostram que havia uma «alta probabilidade» de que Ashraf Juda, um comandante da Brigada dos Campos Centrais da Jihad Islâmica, estivesse na escola al-Taba'een. Mas os israelitas não puderam confirmar. Apesar disso, mataram 100 civis, embora não tivessem certeza se o seu alvo estava na instalação naquele momento.

O exército israelita estabeleceu um padrão para a sua campanha genocida. Primeiro, ele bombardeia bairros civis, enviando pessoas aterrorizadas para abrigos como escolas e hospitais. Depois anuncia ordens de evacuação geral de uma área inteira, forçando as pessoas nesses abrigos a viverem com medo, já que muitas delas não têm meios para ir para outros lugares (de facto, «Não há outro lugar para ir», disse Ahmed Abed). Depois de ter dado estas ordens de evacuação, Israel bombardeia os abrigos protegidos, incluindo hospitais e escolas, com o argumento de que se trata de alvos militares. Esta fórmula foi aplicada na cidade de Gaza e noutras partes de Gaza.

Agora, Israel anunciou ordens de evacuação forçada para pessoas em Khan Younis, uma cidade no centro de Gaza. Junto com essas ordens, as forças israelitas iniciaram ataques aéreos e de artilharia na extremidade leste de Khan Younis. Agora veremos esses tipos de ataques em escolas e hospitais que são abrigos para pessoas desesperadas no centro de Gaza, com cada edifício visto pelos israelitas como um alvo legítimo.

Artigo republicado no âmbito de uma parceria com a *Globetrotter*, traduzido e editado pelo *AbrilAbril*.

Por VIJAY PRASHAD

Todos os lugares em Gaza – incluindo escolas – são alvos | *AbrilAbril* (22-08-2024)